

PRÓLOGO

Clare: Custa ser deixada para trás. Espero por Henry sem saber onde se encontra, perguntando-me se estará bem. Custa ser a que fica. Mantenho-me ocupada. O tempo passa mais depressa assim.

Adormeço sozinha e acordo sozinha. Ando a pé. Trabalho até me cansar. Observo o vento a brincar com o lixo que passou o Inverno inteiro debaixo da neve. Tudo parece simples até começarmos a pensar nas coisas. Por que será que a ausência favorece o amor?

Há muito tempo, os homens partiam para o mar e as mulheres esperavam por eles à beira-mar, esquadrinhando o horizonte à procura do minúsculo barco. Agora, eu espero por Henry. Ele desaparece involuntariamente, sem aviso. Eu espero-o. Cada momento de espera parece um ano, uma eternidade. Tão lento e transparente como vidro. Através de cada momento vejo infinitos momentos enfileirados, esperando. Por que foi ele para onde não posso segui-lo?

Henry: Qual é a sensação? *Qual é a sensação?*

Às vezes parece que a nossa atenção vagueou apenas por um instante. Depois, com um sobressalto, descobrimos que o livro que segurávamos, a camisa de algodão vermelha aos quadrados com botões brancos, os *jeans* pretos preferidos e as peúgas castanhas com um calcanhar puído quase a formar um buraco, a sala, a chaleira quase a apitar na cozinha: tudo isso desapareceu. Estamos parados, totalmente nus, com os pés metidos até aos tornozelos na água gelada da valeta de uma estrada rural não identificada. Esperamos um momento, para ver se não seremos, talvez, devolvidos ao nosso livro, ao nosso apartamento, etc. Após cinco minutos a praguejar, a tiritar e a desejar com todas as forças desaparecer, pura e simplesmente, começamos a andar em qualquer direcção, que poderá conduzir-nos a uma casa de lavoura

onde teremos a opção de roubar ou explicar. Roubar pode, por vezes, levar-nos à cadeia, mas explicar é mais enfadonho e demorado e, de qualquer maneira, implica mentir, além de, uma vez por outra, podermos ir do mesmo modo, parar à cadeia. Assim sendo, venha o Diabo e escolha.

Algumas vezes temos a sensação de que nos levantámos demasiado depressa, apesar de estarmos deitados na cama semiadormecidos. Ouvimos o sangue afluir impetuosamente à cabeça, experimentamos sensações vertiginosas de queda. Sentimos um formigueiro nas mãos e nos pés e depois é como se nem mãos nem pés tivéssemos. Deslocámo-nos de novo. Demora só um instante, temos apenas tempo suficiente para tentarmos agarrar-nos, para esbracejarmos à toa (com risco de nos magoarmos ou danificarmos bens preciosos), e a seguir estamos a escorregar pela alcatifa verde-floresta do corredor de um Motel 6 em Athens, Ohio, às quatro horas e dezasseis minutos de segunda-feira, 6 de Agosto de 1981, e batemos com a cabeça na porta de alguém, fazendo com que essa pessoa, uma tal Ms. Tina Schulman, de Filadélfia, abra a porta e desate a gritar, porque depara com um homem nu, esfolado pela alcatifa verde e caído sem sentidos a seus pés. Acordamos no County Hospital, contusos e com um polícia sentado do lado de fora da porta, a ouvir o jogo dos Phillies num transístor crepitante. Misericordiosamente, voltamos a mergulhar na inconsciência e acordamos horas depois na nossa cama, com a nossa mulher debruçada para nós com um ar muito preocupado.

Outras vezes, sentimo-nos eufóricos. É tudo sublime e tem uma aura, mas de súbito ficamos intensamente nauseados e depois desaparecemos. Damos connosco a vomitar para cima de uns gerânios suburbanos, ou dos sapatos de ténis do nosso pai, ou na nossa própria casa de banho três dias atrás, ou num passeio de madeira de Oak Park de cerca de 1903, ou num campo de ténis num belo dia outonal dos anos 50, ou para os próprios pés descalços numa grande variedade de épocas e lugares.

Qual é a sensação?

Exactamente a de um daqueles sonhos em que percebemos, de súbito, que temos de fazer uma prova para a qual não estudámos e nos encontramos completamente nus. E deixámos a carteira em casa.

Quando ando lá por fora, no tempo, estou virado do avesso, transformado numa versão desesperada de mim próprio. Torno-me um ladrão, um vagabundo, um animal que foge e se esconde. Assusto velhas e assombro crianças. Sou um truque, uma ilusão do mais elevado gabarito, tão incrível que sou, de facto, autêntico.

Existe uma lógica, uma norma para todo este ir e vir, para toda esta deslocação? Existe um modo de ficar onde estou, de abraçar o presente com todas as células do meu ser? Não sei. Há pistas; como acontece com qualquer doença, há padrões, possibilidades. Exaustão, ruídos fortes, tensão, levantar-me de repente, luz cintilante: qualquer destas coisas é susceptível de desencadear um episódio. Mas... posso estar a ler o *Times* de domingo, com a chávena do café na mão e Clare a dormir a meu lado, na nossa cama, e, de repente, dar comigo em 1976, a ver o meu eu de treze anos cortar a relva do jardim dos meus avós. Alguns destes episódios duram apenas momentos; é como escutar o rádio de um carro com problemas para se fixar numa estação. Dou comigo em multidões, auditórios, turbas. Com igual frequência, encontro-me sozinho, num campo, numa casa, num carro, numa praia, numa escola secundária no meio da noite. Tenho medo de me descobrir na cela de uma prisão, num elevador cheio de gente, no meio de uma auto-estrada. Surjo vindo não sei de onde, nu. Como posso explicar? Nunca consegui transportar nada comigo. Nem roupa, nem dinheiro, nem bilhete de identidade. Passo grande parte das minhas estadas a adquirir vestuário e a tentar esconder-me. Por sorte, não uso óculos.

É, de facto, irónico. Todos os meus prazeres são caseiros: a magnificência da poltrona, os encantos da domesticidade. Tudo quanto peço são deleites modestos. Um romance policial na cama, o cheiro do comprido cabelo ruivo-dourado de Clare, húmido da lavagem, um postal de um amigo que está de férias, natas a alastrarem na superfície do café, a macieza da pele sob os seios de Clare, a simetria dos sacos de compras na bancada da cozinha, à espera de serem despejados. Gosto de cirandar entre as longas prateleiras de livros na biblioteca, depois de os frequentadores terem ido para casa, gosto de tocar ao de leve nas lombadas dos volumes. Estas são as coisas capazes de me trespassar de saudade, quando o capricho do Tempo me desloca delas.

E Clare, sempre Clare. Clare pela manhã, ensonada e de rosto franzido. Clare com os braços mergulhados na cuba de fazer papel, levantando o molde e sacudindo-o assim, e assim, para misturar as fibras. Clare lendo, com o cabelo caído sobre as costas da cadeira, e massajando as mãos vermelhas e gretadas com bálsamo, antes de se deitar. A voz baixa de Clare está frequentemente nos meus ouvidos.

Detesto estar onde ela não está, quando ela não está. E, no entanto, estou sempre a partir e ela não pode seguir-me.

I

O HOMEM FORA DO TEMPO

Oh, *não* porque a felicidade *existe*,
essa tão célere benesse arrebatada à perda iminente.

*

Mas porque estar deveras aqui é tanto; porque tudo aqui
parece precisar de nós, este mundo efêmero que, estranhamente,
não pára de chamar-nos. A nós, de todos os mais efêmeros.

*

... Ah, mas o que podemos levar connosco
para esse outro reino? Não a arte de olhar,
tão lentamente aprendida, e nada aqui acontecido. Nada.
Os sofrimentos, então. E, acima de tudo, a dureza de viver,
e a longa experiência do amor — justamente o que é
de todo indizível.

De *A Nona Elegia de Duino*,
RAINER MARIA RILKE,
da tradução para inglês de Stephen Mitchell

PRIMEIRO ENCONTRO, UM

Sábado, 26 de Outubro de 1991 (Henry tem 28 anos e Clare 20)

Clare: A biblioteca está fresca e cheira a champô de alcatifas, embora eu só consiga ver mármore. Assino o Registo dos Visitantes: *Clare Abshire, 11h 15m, 91-10-26, Coleções Especiais*. Nunca estive na Newberry Library, e agora que ultrapassei a assustadora entrada escura sinto-me excitada. Tenho uma sensação do tipo manhã natalícia, como se a biblioteca fosse uma grande caixa cheia de belos livros. O elevador está fracamente iluminado e é quase silencioso. Saio no terceiro piso, preencho um pedido de Cartão de Leitor e depois subo para as Coleções Especiais. O bater dos saltos das minhas botas ressoa no soalho de madeira. A sala está silenciosa e atravancada, cheia de mesas sólidas e pesadas cobertas de livros e cercadas por leitores. A luz matinal do Outono de Chicago brilha através das janelas altas. Aproximo-me da secretária da recepção e tiro alguns talões de requisição. Estou a escrever um trabalho para uma turma de História de Arte. O meu tópico de pesquisa é *Chaucer*, da Kelmscott Press. Procuo o livro e preencho um talão. Mas também quero ler a respeito de fabrico de papel na Kelmscott. O catálogo é confuso. Volto à secretária e peço ajuda. Enquanto explico à funcionária o que pretendo encontrar, ela olha por cima do meu ombro para alguém que vai a passar atrás de mim. «Talvez Mr. DeTamble possa ajudá-la», diz. Volto-me, preparada para começar a explicar de novo, e encontro-me cara a cara com Henry.

Fico sem fala. Aqui, à minha frente, está Henry, calmo, vestido, mais jovem do que alguma vez o vi. A trabalhar na Newberry Library, parado diante de mim, no presente. Aqui e agora. Sinto-me encantada. Olha-me pacientemente, hesitante mas cortês.

— Posso ajudar em alguma coisa?

— Henry! — Tenho enorme dificuldade em conter-me e não o abraçar. É evidente que ele nunca me viu na sua vida.

— Já nos conhecemos? Desculpe, eu não... — Olha à nossa volta, receoso de que leitores ou colegas de trabalho estejam a reparar em nós, esquadrinha a memória e dá-se conta de que algum ele futuro tenha conhecido esta rapariga radiosamente feliz parada à sua frente. A última vez que o vi, Henry estava a chupar os meus dedos dos pés no Prado.

Tento explicar.

— Sou Clare Abshire. Conheci-te quando era pequena...

Não sei o que dizer, pois estou apaixonada por um homem parado diante de mim, mas que não tem qualquer recordação a meu respeito. Para ele está tudo no futuro. A fantástica estranheza da situação dá-me vontade de rir. Eu estou transbordante de anos de conhecimento de Henry, enquanto ele continua a olhar-me perplexo e receoso. Henry com as velhas calças de pesca do meu pai, a interrogar-me pacientemente acerca da tabuada de multiplicar, verbos franceses e todas as capitais estaduais; Henry a rir-se de um almoço peculiar que eu, com sete anos, lhe levei ao Prado; Henry de *smoking*, a desabotoar os botões de punho da camisa com mãos trémulas, no meu décimo oitavo aniversário. Aqui! Agora!

— Vem tomar café comigo, ou jantar, ou qualquer coisa...

Ele só pode dizer que sim, este Henry que me ama no passado e no futuro e deve amar-me também agora, em algum ténue eco de outro tempo. Para meu imenso alívio, responde, de facto, que sim. Combinamos encontrar-nos esta noite num restaurante tailandês próximo, ante o olhar admirado da mulher da secretária, e eu parto, esquecida de Kelmscott e Chaucer, flutuo pela escada de mármore abaixo, atravesso o átrio, saio para o sol outubrinho de Chicago, atravesso o parque a correr, afugentando pequenos cães e esquilos, a gritar de alegria.

Henry: É um dia rotineiro de Outubro, soalhento e fresco. Estou a trabalhar numa pequena sala sem janela, com humidade controlada, no quarto piso da Newberry, a catalogar uma colecção de papéis jaspeados recentemente doada. Os papéis são bonitos, mas catalogá-los é enfadonho e eu sinto-me aborrecido e com pena de mim próprio. Para dizer a verdade, sinto-me velho, do modo que só um homem de vinte e oito anos consegue sentir-se depois de ter passado metade da noite a beber vodca a um preço exorbitante e a tentar, sem êxito, reconquistar as boas graças de Ingrid Carmichel. Passámos o serão inteiro a discutir e agora já nem me lembro a respeito de quê. A minha cabeça lateja. Preciso de café. Deixo os papéis jaspeados num

estado de caos controlado, atravesso o escritório e passo pela secretária da recepção da Sala de Leitura. Detém-me a voz de Isabelle, dizendo: «Talvez Mr. DeTamble possa ajudá-la», frase que, traduzida, significava: «Henry, meu tunante, para onde pensas que vais, todo sorrateiro?» E é então que uma rapariga espantosamente bonita, alta, esbelta e de cabelo ambarino, se vira e olha para mim como se eu fosse o seu Jesus pessoal. O meu estômago dá uma cambalhota. É evidente que ela me conhece e eu não a conheço. Como só Deus sabe o que eu disse, fiz ou prometi a esta luminosa criatura, sou obrigado a perguntar, na minha melhor gíria bibliotecária: «Posso ajudá-la em alguma coisa?» A rapariga solta um «Henry!» ofegante, de um modo tão evocativo que me convence de que, em algum momento no tempo, temos uma coisa realmente espantosa juntos. Isso torna ainda pior o facto de eu não saber nada a seu respeito, nem sequer o nome. «Já nos conhecemos?», pergunto, e Isabelle lança-me um olhar que diz, *Grande idiota*. Mas a rapariga responde: «Sou Clare Abshire. Conheci-te quando era pequena», e convida-me para jantar. Aceito, atordoado. Ela olha-me, deslumbrada, apesar de eu não me ter barbeado, estar com ressaca e não me encontrar no meu melhor. Vamos encontrar-nos para jantar nesta mesma noite, no Beau Thai, e Clare, depois de se ter assegurado de que terá a minha companhia mais tarde, sai, como se flutuasse, da Sala de Leitura. Parado, aturdido, no elevador, percebo que um enorme prémio de lotaria do meu futuro me veio de algum modo parar às mãos, aqui, no presente, e desato a rir. Atravesso o átrio e, enquanto voo pela escada abaixo para a rua, vejo Clare a correr na Washington Square, saltando e gritando de alegria, e, sem saber porquê, sinto-me à beira das lágrimas.